

A SAUDADE EM FESTA E A ÉTICA DA LEMBRANÇA

CORNELIA ECKERT

"Temos na saudade uma categoria do espírito humano e, dentro dele, da manifestação de certa estrutura de valores ou ideologia"¹.

Compreender a velhice é também conhecer a forma como as pessoas, em processo de envelhecimento, experimentam e atribuem significado, no presente, à sua trajetória pessoal e de grupo. A mobilidade de grupo, as mudanças pessoais e coletivas, as rupturas são, neste ínterim, importantes referências nas representações sobre os espaços e tempos vividos nos quais os sentimentos investidos delineiam a **duração**² de uma comunidade de interesses e afetiva por sobre o drama do deslocamento do tecido social e da desintegração dos grupos sociais no decorrer das transformações profundas na história coletiva.

Investigar sobre como os velhos narram e representam o tempo vivido no passado implica dar conta de como ressignificam práticas sociais reordenando os ritmos cotidianos, os laços, as redes, as cumplicidades tanto quanto as tensões e sofrimentos provindos de processos de desenraizamento que cadenciam destinos e motivações.

Seguindo a sugestão de Duvignaud³, importa dar conta dessas formas de trabalhar a memória, repertoriando a maneira como cada geração, cada grupo, reconstitui-se, o que, sem dúvida, tem uma significação mais vasta que o simples ato de ser. É claro, reconhece o autor, que existem vários tipos de memória (*subite, imaginée, vécue, rêvée*), mas existe uma **ética da lembrança** (*éthique du souvenir*) aqui considerada a partir da forma como aposentados da mineração do carvão e suas esposas experimentam, na atualidade, a re-elaboração da trajetória de grupo

¹ DA MATTA, Roberto. *Conta de Mentiroso*. Sete ensaios de antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 22.

² Conceito que tomamos emprestado de BACHELARD, G. *La Dialectique de la Durée*. Paris: Quadrige/PUF, 1989.

³ DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. NAMER, Gérard. *Memoire et Société*. Paris: Meridiens Klincksieck, 1987.

de um certo tipo de solidariedade social, criado no processo da organização industrial e no urbanismo como modo de vida. Análisa-se como reordenam, na memória, os valores e referências simbólicas do grupo de pertencimento. E é justamente na cadência desse movimento que se conhece, na duração vivida, a ética da lembrança, concebida a partir de emoções e sentimentos que integram suas experiências individuais à memória coletiva do grupo de identidade.

Nos últimos cinco anos, no mês de novembro, velhos mineiros e habitantes da região carbonífera gaúcha motivam-se em torno do objetivo de **reencontrar-se, matar as saudades, lembrar os velhos tempos** no evento que recebe a denominação de Festa da Saudade Mineira. Todos os anos, eles vivem fragmentos de sentimentos e práticas comuns que os coletivizavam: o trabalho, a família cristã e predominantemente católica, a sociabilidade lúdica, a vida coletiva sob os auspícios de uma Companhia paternalista no século passado.

Com exceção do primeiro ano de sua realização, a festa tem sido desenvolvida na localidade de Arroio dos Ratos, berço da civilização carbonífera no Estado e da formação de um importante núcleo populacional de famílias de trabalhadores em minas de carvão⁴. Esse contexto, assim ritualizado, é um exercício de memorização dos itinerários vividos, dos espaços de pertencimento, dos lugares sociais de emoções compartilhadas alhures (o mundo da comunidade de trabalho: a usina, a mina, as casas que pertenciam à Companhia, o clube, a Igreja, a festa da padroeira dos mineiros, o time de futebol etc.), destacando-se a ressignificação do espaço do trabalho hoje atualizado como Museu do Carvão.

O objetivo deste texto é tratar da memória vivida, analisada através do ato da festa e do ato de musealizar. Seja no drama, seja na narrativa das lembranças, seja nas interpretações das sobreposições temporais vividas ao comemorarem a **saudade**, propõe-se uma etnografia do 'trabalho' da memória a partir de duas formas diferenciadas de salvaguardar o passado: a forma interativa na festa e a forma de interagir com o trabalho de enquadramento do museu. Ambas as instâncias exprimem a vontade de eternizar uma memória individual e social como

⁴ O início da exploração do carvão no Rio Grande do Sul é no ano de 1853, durante o mandato do Visconde de Sinimbu, estadista, que recebe parecer e crédito favoráveis do governo imperial para iniciar as obras de extração de carvão na província. Para este empreendimento, contrata um mineiro imigrante inglês, James Johnson, que em 1866 recebe do governo imperial a concessão para exploração e lavra da mina de Arroio dos Ratos, juntamente com Inácio Ferrera de Moura. James Johnson estimula a vinda de mineiros ingleses em 1866, para que, com seus capitais, se somassem numa sociedade organizada. Em 1872 esta sociedade recebe a concessão de exploração do carvão através da Imperial Brazilian Colerite Co. Após este período é organizada a Companhia Minas do Carvão do Arroio dos Ratos com capital nacional (1881). Esta Companhia busca assegurar a demanda do produto no mercado interno, constrói uma linha férrea, que liga Arroio dos Ratos ao povoado de Charqueadas, instalando lá um porto de escoamento do carvão e uma fábrica de briquetes. Em 1889 a Companhia é reorganizada com uma nova razão social, Cia. de Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo. A exploração é essencialmente de subsolo. Em 1932, a mineração de carvão em Butiá também é reativada dentro de uma política de maior racionalidade da produção, através da Companhia Carbonífera Riograndense, sob a direção do Grupo Capitalista Martinelli. Frente à política de preços do carvão e à diminuição da demanda interna, as Companhias de São Jerônimo e a Companhia Carbonífera Riograndense uniram-se num consórcio sob a razão social CADEM (junho 1936). In: ECKERT, Cornelia. Os Homens da Mina. Um estudo das condições de vida e representações dos mineiros de carvão em Charqueadas/RS. Dissertação de Mestrado PPG Antropologia Social. UFRGS, 1985, p. 138 a 170.

necessidades atuais de permanência e de reatualização de formas de sociabilidades ameaçadas de desaparecimento, capazes de engendrar a vida coletiva, a troca simbólica.

Repertoriar as práticas acionadas para comemorar a saudade permite etnografar uma experiência singular da trajetória de um grupo social religado por valores de identidade que os englobava tanto quanto dimensionar uma política cultural da restituição patrimonial que acaba por proporcionar, como lembra Jeudy, "a reencenação museal e etnológica da troca simbólica"⁵.

O evento inventado

Por volta de 1950, Arroio dos Ratos, que vinha sendo dinamizada pela exploração carbonífera administrada pelo Consórcio Administrador de Empresas de Mineração, conhece um processo de retrocesso econômico pela desativação da atividade mineira e desmobilização da comunidade de trabalho. O CADEM estruturou a indústria do carvão a partir de uma política paternalista do tipo "Indústria com vila operária", estratégia de absorção de mão-de-obra (de origem diversificada) pelo enraizamento familiar, controle da política habitacional e gerenciamento dos diferentes setores da existência. O declínio da produção local provoca uma verdadeira diáspora da população, sendo Arroio dos Ratos então cognominada "cidade fantasma". Esse processo de mudança significou em parte a reorganização da comunidade de trabalho na cidade vizinha de Charqueadas. Essa transferência para uma outra localidade se dá no âmbito de um processo de modernização da indústria do carvão, nova estrutura produtiva e racionalização do trabalho. Com nova razão social, a partir de 1956 a extração do carvão se produz significativamente nessa localidade⁶.

O importante aqui é informar que, apesar da diáspora, percebe-se pelos depoimentos que, independente do itinerário seguido na época, a cidade de Arroio dos Ratos, a região carbonífera, a comunidade de trabalho, o *ethos* mineiro permaneceram como uma referência telúrica forte para a maioria⁷.

⁵ JEUDY, H-P. *Mémoires du Social*. Paris: PUF, 1986, p. 31.

⁶ Após um longo período de produção otimista, a conjuntura econômica do pós-Segunda Guerra não é favorável ao mercado de carvão, que perde pouco a pouco basicamente o favoritismo para outra fonte de energia: o petróleo. A Companhia de extração (CADEM) então desativa as atividades industriais em Arroio dos Ratos rearticulando um antigo projeto de abertura de uma mina de carvão em Charqueadas, às margens do rio Jacuí. Charqueadas, de pequena vila com uma economia pecuarista e de pesca inexpressiva, transforma-se em porto escoador do carvão trazido de Arroio dos Ratos transformando-se em centro industrial promissor com urbanização crescente. In: ECKERT, Op. cit..

⁷ Num esforço de síntese, pode-se mapear os itinerários seguidos a partir de três opções: os que permaneceram em Arroio dos Ratos, os que partiram para Charqueadas, ou outros municípios de mineração vizinhos, e os que partiram para a grande Porto Alegre ou outros Estados. No primeiro caso, a opção ocorre, de modo geral, ou dada a aposentadoria possível, facilidades de aquisição das velhas casas construídas pela Companhia, ou dada a impossibilidade de transferência para Charqueadas, dificuldades de enfrentar um mercado de trabalho diverso e, o mais raro, possibilidades de diversificação profissional na própria localidade (agricultura, por exemplo). No segundo caso, e o mais expressivo, foi a transferência para Charqueadas num processo de readmissão pelo CADEM com nova razão social, COPELMI. No terceiro caso, os mineiros ou funcionários do CADEM partiram para novos horizontes. Segundo diversos relatos, a maioria buscou a grande Porto Alegre para o recomeço profissional.

Em 1990, dois ex-trabalhadores das minas no tempo do CADEM, o Sr. Euzébio e o Sr. Gabriel, ex-moradores de Arroio dos Ratos que optaram por fixarem residência em Porto Alegre (dedicando-se ao comércio e ao serviço público) e sempre amigos, confabulam sobre a possibilidade de organizarem um encontro de antigos companheiros “dos tempos lá em Ratos” e seus familiares. Segundo estes primeiros organizadores, bastou uma bem-sucedida campanha por telefone para compor uma rede de mineiros aposentados motivados em torno de um reencontro festivo para “matar as saudades”. A estratégia de convencimento passava sobretudo pela racionalização de que os antigos companheiros só se encontravam por ocasião de enterros e Dia dos Finados: “para se encontrar, era só no cemitério”. Havia uma clara intenção de ressignificar as oportunidades de reencontro do grupo, restritas apenas a situações de luto pela morte e perda de um companheiro.

O primeiro encontro, em novembro de 1990, tem lugar na cidade de Charqueadas. A escolha do lugar é pela avaliação de “ser esta cidade que concentra o maior número de velhos companheiros e familiares” após a dispersão da antiga comunidade de trabalho. A festa deveria reproduzir a própria tradição da família corporativa, marca da comunidade nos tempos do paternalismo.

O primeiro encontro foi avallado como positivo e incentivador da continuidade da iniciativa. Os organizadores e alguns participantes ponderaram, entretanto, que havia como que um certo deslocamento de uma legitimidade temporal e espacial para a realização da Festa da Saudade. “Em Charqueadas não houve clima”, afirma o Sr. Euzébio; “não encontramos ambiente”, relata Sr. Elviro⁸, reivindicando que o evento fosse transferido para Arroio dos Ratos, que se configurava como um espaço social mais privilegiado para promover esse sentimento de **estar junto**. A comissão responsável pela organização do próximo encontro decide que uma segunda investida deveria ser empreendida no local de origem da comunidade, Arroio dos Ratos. A festa é transferida como um movimento de reatualização do lugar consagrado na imaginação coletiva como palco legítimo da teatralização presente, como contexto propício para reanimar, na memória atual, o lugar do passado.

Uma outra reivindicação de alguns organizadores era de que a festa deveria conter um momento solene, de preferência uma missa católica, que reforçaria traços do *ethos* mineiro fortemente ligado ao catolicismo. A comissão contata a Prefeitura de Arroio dos Ratos, a diretoria do Museu do Carvão, os diretores do Clube Última Hora, antigo clube fundado por trabalhadores mineiros, e o cônego do “tempo da mineração” para organização do segundo encontro, realizado em novembro de 1991.

Interpretam os organizadores que a Prefeitura local apoiou conjugando esse evento a um outro programa de cunho econômico-cultural em desenvolvimento, o Museu do Carvão⁹, importante centro do patrimônio cultural da região, localizado em Arroio dos Ratos e *locus* oficial da memória histórica da organização sócio-industrial da categoria mineradora. A partir desse momento, o recém-inaugura-

⁸ Mineiro aposentado, hoje com 82 anos, residente em Arroio dos Ratos.

⁹ Centro cultural pertencente ao Estado do Rio Grande do Sul.

rado Museu torna-se arena importante para agenciar a Festa da Saudade como mais uma marca emblemática da cidade de origem mineira.

O Museu do Carvão não poderia ser melhor cenário para comemorar a saudade. Construído em terreno onde funcionavam poços de extração, o Museu é um misto de ruínas do antigo complexo industrial e prédios restaurados, permitindo ao visitante tanto o mergulho nessa forma destruída mas persistente do antigo mundo do trabalho, quanto na forma restaurada da memória operária, formas presentes do passado esteticamente diferenciadas.

Pode-se sugerir aqui um sentido de estetização da vida cotidiana designada por Mike Featherstone em relação ao pós-modernismo¹⁰. O movimento dos museus na renovação urbana transforma-os em espaços de espetáculos, sensações, ilusões e montagens que proporcionam experiências e novas sensibilidades sobretudo promovendo um movimento de redescoberta do 'velho' no 'novo', um prazer, segundo Simmel, que nos dá uma forte noção do tempo presente¹¹. Ou como sugere Namer: "A atualização do lugar é a mobilização do passado histórico deste lugar e sua reiteração"¹².

A Festa da Saudade conquista assim uma abrangência *estatus* bem além das intenções iniciais dos promotores; torna-se uma comemoração municipal oficial promovida pelo Museu do Carvão, pela Prefeitura local e organizada por uma comissão de festa.

Nessa sobreposição de rememorações, reafirma-se o "valor trabalho" como "propriedade de situação"¹³ nesse processo de atualização dos sistemas simbólico-valorativos: a comunidade operária é reatualizada **ética e esteticamente** nesse tempo-recordação. Nesse sentido, "está presente o esforço de construção de uma imagem que é a representação da visão ideal do grupo"¹⁴.

Nem todos têm saudades do tempo da mineração, nem todos sentem saudades dos "tempos lá em Ratos". Mas, se nem todos participam da festa, o evitar e a ausência são provas de que a memória "nem sempre é tão rósea como sugerem os encarregados de gestões culturais, e a restituição de uma simbólica perdida reativa necessariamente a lembrança das vivências, aflições e explorações"¹⁵. Em revanche, todos os participantes que aderem ao apelo da festa concordam, de uma maneira ou de outra, sobre a existência de uma nostalgia coletiva de uma sociabilidade retrospectiva, de traços idealizados no passado rompidos na tematização do presente. Reminiscências possíveis de resgate? A dramatização da

¹⁰ FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e Pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995. No que segue Baudrillard, Lash, Benjamin, Baudelaire etc.

¹¹ SIMMEL apud FEATHERSTONE. Op. cit., p. 108.

¹² NAMER, Gerard. *Mémoire et Société*. Paris: Meridiens Klincksieck, 1987, p. 203.

¹³ Aqui em grande parte importa considerar a teoria dumontiana, apropriada para análise da configuração de valores e significados que elucidam os processos universalizantes da modernidade. Na relação com sociedades holistas, Dumont introduz uma relativização das sociedades onde importa percebê-las enquanto configurações particulares, mostrando na sua gênese os dispositivos estruturais. DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus*. O sistema das castas e suas implicações. São Paulo: EDUSP, 1992.

¹⁴ MACEDO, Carmen Cinira de. *Tempo de Gênese*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 186.

¹⁵ JEUDY. Op. cit., p. 31.

saudade permite o(s) trabalho(s) da memória, hierarquiza os valores desejados como contínuos, mesmo sobre as descontinuidades sobrevindas¹⁶.

Reminiscências

A saudade é motivação suficiente para agregar, unir, religar e socializar os velhos habitantes da região carbonífera. No teor deste texto, as sociabilidades que esta forma peculiar de sentimento mobiliza na comunidade nos elucidam sobre a cultura subjetiva para além da estilização dos comportamentos. Através do evento, comemoram o vivido num tempo-espaço nostálgico e oportunizam o trabalho da memória do grupo.

Da Matta convida a refletir sobre a saudade como uma categoria de pensamento e de ação na acepção maussiana do termo ao nos lembrar, por outros caminhos, que importa avaliar a saudade “como categoria sociológica e como palavra dotada de profunda **capacidade performativa**”¹⁷. A saudade tem essa capacidade performativa¹⁸ com eficácia simbólica para promover uma reatualização de sociabilidades existentes no passado. Comemorar a saudade é um trabalho de luto, de expressão do reconhecimento da dor frente a algo que se esvai no tempo: saudades na velhice dos valores e práticas que os congregavam no passado vivido sob o ritmo do trabalho coletivo.

No contexto pesquisado, a saudade é um sentimento-motivação de um projeto de reestruturação das lembranças de duração do grupo, uma expressão atualizada da memória do tempo da coletividade que se encontra desintegrada enquanto grupo e que se quer representativa da memória social.

Mais do que um lugar privilegiado para falar da vida social, a Festa da Saudade é uma forma de narrar e dramatizar a transformação, a descontinuidade e a ruptura de formas tradicionais de sociabilidade e da trajetória do grupo, evento em que o **valor saudade** é representado como reestruturador de uma experiência coletiva dilacerada.

Tendo por perspectiva sobrepor as diversas formas de trabalho da memória, considera-se que todos os *actus* e *locus* do evento, solenes, sagrados, lúdicos e profanos objetivam restituir, seja pela espetacularização, seja pela teatralização (no sentido do simulacro e do jogo da reciprocidade), a memória do grupo.

Frente à morte da profissão, a musealização reatualiza o que é da ordem da degradação e da perda de uma possível identificação, criando um templo sagrado que perpetua o mito fundador, o imaginário histórico. O museu transforma

¹⁶ Em outros termos, a saudade (como categoria relacional de tempo) pode ser lida como uma ponte (sugere DA MATTA) que permitiria um “tempo socialmente englobado, um tempo de transformações mágicas radicais porque é uma duração localizada, personalizada e definida assimétrica e hierarquicamente”, “uma temporalidade referida às atividades sociais”. DA MATTA. Op. cit., p. 24.

¹⁷ DA MATTA. Op. cit.. Refere-se à obra de MAUSS, Marcel. *Ensaios de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

¹⁸ Segundo Roberto da MATTA, no sentido de John Austin, em sua obra *How to do Things with Words*. Cambridge: A. Harvard. Paperback. e também TAMBIAH, Stanley. *The Magical Power of Words*, Man 3-2 p. 175-208. DA MATTA. Op. cit..

assim o campo da memória em espetáculo de um conhecimento objetivo, um saber e uma cultura técnicos que conhecem os ditames da superação pela modernidade. As ruínas de uma atividade tradicional transformam-se em patrimônio industrial, uma outra forma de viver o luto. O luto torna-se encenação da memória do social, desejo de nostalgia, permitindo, como sugere Jeudy¹⁹, que se compreenda a relação entre as representações sociais de um patrimônio cultural e a idéia de memória coletiva de uma cidade.

Reencontrar velhas e novas pessoas envolvidas na sociabilidade da continuidade (a festa) e, nessa, reencontrar os espaços e objetos da instituição estética da existência operária (museu) são aqui investigados como *actus* e *locus* privilegiados para apreender esse esforço de duração da vida social e afetiva.

O evento vivido

A Festa da Saudade se repete a cada terceiro domingo do mês de novembro e consta de dois tempos fortes que cadenciam o desenrolar do evento: num primeiro momento, mais solene, a festa se desenvolve no espaço do Museu do Carvão e, no segundo momento, mais lúdico, no Clube Última Hora.

O convite divulgado evoca o motivo da festa: o resgate da história do grupo e o trabalho da memória. A mensagem é clara: "Lembrar é viver, Venha":

"Se você foi ou é mineiro, descendente ou amigo dos mineiros, morador na região carbonífera e noutros municípios, noutros Estados. E vê no que foi: a Semente. No que é a Planta, e no que será: o Fruto. Venha, com sua família, confraternizar com velhos e novos conhecidos para, juntos, recordar o PASSADO, festejar o PRESENTE e sonhar o FUTURO, na certeza de que se o FUTURO é o PRESENTE projetado, no PASSADO estão as raízes e as pegadas do PRESENTE."

Nas festas pesquisadas (1994 e 1995), cedo pela manhã uma grande quantidade de pessoas concentra-se no pátio das instalações do Museu do Carvão. Os ônibus, as placas dos carros testemunham a diversidade das origens geográficas dos festeiros presentes. Na entrada, um portão simula uma galeria subterrânea, onde jovens uniformizados de mineiros recebem e orientam os convidados.

Poucos instantes bastam para um recém-chegado captar a marca forte da festa: o reencontro. Abraços e mais abraços, lágrimas e sorrisos fazem de cada gesto, de cada expressão uma mensagem corporal e emotiva do ambiente. Uma multidão se concentra em frente ao altar improvisado sobre o qual vários objetos do trabalho mineiro são expostos (lâmparas, a pedra de carvão, livros sobre mineiros, a imagem da Santa Bárbara), simbolizando a singularidade do culto: homenagear os mineiros e seus familiares.

No pátio inicia-se a missa marcada pelo discurso do padre que reatualiza o papel **do mineiro como herói nacional, personagem destemido e honrado** que marca a identidade da comunidade de trabalho. Os mineiros mais antigos se posicionam na frente do altar para receber as bênçãos e as honras. Valoriza-se o pioneirismo e a bravura do trabalhador mineiro que "nas profundezas da terra,

¹⁹ JEUDY. Op. cit., p. 17.

desenvolveu um trabalho árduo na exploração da riqueza do carvão: um trabalho desumano que garantia o pão de cada família”. A missa oficial confere um tom sagrado e tradicional à comemoração elogiosa da categoria.

Crianças interpretam uma canção denominada “Mineiro, quero te abraçar”, que finaliza com o ato do abraço aos velhos mineiros. O padre relembra ainda qualidades dessa comunidade e deste trabalho, **a solidariedade, a fidelidade cristã, os valores da família**. Ato religioso eficaz para homenagear a memória do mártir, do que perdeu sua vida no duro trabalho, e sacrificar os valores do grupo.

Os velhos mineiros, a presença da velha população, tudo leva a um forte mergulho na emoção do momento. É esse sentimento que evidencia o próprio sentido da festa, uma emoção em torno da saudade construída como um símbolo que expressa um grupo de coexistência alhures com valores comuns, reordenados como ideais num desejo de continuidade. A homenagem costura simbolicamente discurso, objetos, tempos, espaços, que simbolizam uma trajetória e sintonizam um mito fundador que reafirma os valores do grupo.

Finalizado o ato solene da missa, um coral local interpreta canções populares enquanto a população se movimenta numa espécie de *ballet* de reconhecimentos, abraços, apertos de mão e beijos. Durante todo o tempo, grupos de pessoas se formam e se desfazem como numa dança da saudade, os participantes circulam, deslizam de abraço em abraço, se saúdam, buscam reconhecer e serem reconhecidos. Nos rostos expressão de alegria ou de tristeza, ora pela surpresa do reencontro, ora pela informação sobre a ausência de um ou de outro, muitas vezes expressão de dor pela notícia da morte de alguém.

Esse instante de dispersão é marcado pela intensa visita às instalações do Museu. Visitam-se as exposições internas e, significativamente, as ruínas e instalações industriais obsoletas que se situam no local. Velhos mineiros podem então viver em ato o papel de guardiões da memória, narrando para os próximos sobre seu lugar, seu papel, suas experiências em relação a cada foto, a cada objeto, a cada maquinaria, a cada documento exposto. Pequenos grupos atentos se formam em torno de um mineiro para compartilhar de sua narrativa e questionar sobre aspectos imaginados, sobretudo as esposas que (com raras exceções) jamais tiveram a oportunidade de conhecer o mundo do trabalho, essencialmente masculino, a não ser pela narrativa do marido. Observa-se novamente a emoção na rememoração do velho mineiro do seu passado profissional, não sem um tom de satisfação pelo reconhecimento sacralizado da categoria.

Não são simples turistas que se utilizam livremente de uma prática cultural. O público é especial. As condições do exercício da memória são respeitadas, a atualização é delineada pelas lembranças dos velhos mineiros presentes. Alguns explicam às pessoas em torno sobre o funcionamento de uma velha máquina, sobre a funcionalidade de um objeto, buscam identificar a si e aos outros nas velhas fotos, trabalham na memória as lembranças do trabalho, restabelecem uma imagem de sua vida social e profissional passada.

Abordados durante a festa para expressarem as motivações de suas presenças, as ponderações recorrentes eram: “para reviver o companheirismo”, “estamos aqui por causa da união”, “é bom rever os amigos” etc. Mas de forma

significativa as entrevistas eram estimuladoras de prolongadas narrativas sobre as lembranças do duro trabalho, das tragédias que marcaram **seu tempo**, dificuldades sempre sobrepostas pela bravura e solidariedade presentes nas situações rememoradas, desde acidentes até as lutas sindicais. Nessa recorrência, a comemoração da saudade mineira aparece como uma "tomada de consciência", explica Sr. Gabriel, "do que foi a labuta difícil", condições de vida e trabalho marcadas, entretanto, "pela união da gente". Há uma estrutura recorrente dessa lembrança, como um modelo de prática de discurso social²⁰. As lembranças são diversas mas a memória coletiva que as solidifica é aquela reatualizada pela comemoração ritual, pela qual um estado de agregação é cativado, contagiando a todos, e onde magicamente uma ética da lembrança é construída.

Final da manhã, a dispersão é momentânea, pois todos se dirigem ao Clube Última Hora onde a confraternização continua, inaugurando um segundo tempo forte do evento. O clima permanece, e agora a emoção desliza para a ludicidade. Em um grande ginásio esportivo, cerca de 400 pessoas se distribuem nas mesas à espera do churrasco, *menu* principal da comensalidade. Para o Sr. Elviro, esse momento da festa é igualmente importante, pois se a vida da comunidade era muito dura e marcada pelo perigo, pela morte e pela carestia da vida, "o mineiro gostava de festa, de diversão, de futebol, de brincar". A própria existência do antigo clube testemunha a organização da categoria igualmente em prol de um espaço para a diversão e o lazer.

A cada ano a confraternização é acrescentada de algumas novidades, mas, de modo geral, após o churrasco, uma orquestra contratada interpreta velhas e novas canções iniciando-se o baile congregador ao som do "Baile da Saudade", música que contagia todos os participantes agora embebedos no êxtase da festa. Alguns antigos mineiros com dotes vocais roubam a cena, ocupando o microfone, mas o forte da festa é o dançar, dança-se só, acompanhado, mulher com mulher, crianças, vale tudo.

No final da festa, um momento solene, todos entoam juntos a canção "Saudade mineira"²¹, e os organizadores convidam para um novo encontro para comemorar a saudade:

"Quem partir e hoje volta/Na alegria festeira/Vem nas asas serenas/Da saudade mineira/Pisa o chão do passado/Volta à vida criança/Quer um banho nas águas/Do arroio da lembrança/É o momento encantado/É o calor de um abraço/ É uma lágrima viva/Num olhar sonhador/Coração em compasso/De ternura caseira/É carvão feito brasa/Labareda do amor".

A festa é para além de um simples evento comemorativo, a criação de uma situação e de um contexto para o exercício de um projeto de continuidade do grupo. Nos termos de Namer, "comemorar é praticar coletivamente uma memória-mensagem num tempo fictício onde coexistem passado, presente e futuro"²². A festa permite o trabalho da memória retrospectiva que dá sentido e emoção ao caminho já percorrido.

²⁰NAMER. Op. cit., p. 157.

²¹ De autoria de Laiza Peres, foi lançada no IV Encontro da Saudade, em 20 de novembro de 1994.

À guisa de conclusão

A festa nasce motivada pelo desejo da sociabilidade *retroproporcionando* o trabalho de memória coletiva. Na linearidade do mundo moderno, os idosos reordenam um *continuum* temporal, quando podem comemorar a saudade, dimensionando um jogo de reciprocidade pertencente a um tempo cíclico.

O desaparecimento do trabalho de tradição, o envelhecimento da última geração de mineiros do “tempo em Ratos”, os espaços em ruínas, o desmembramento da comunidade de trabalho, tudo isso lhes causa uma grande nostalgia. É por isso que os mineiros incorporaram um sentimento de luto. Habitados a transmitir o conhecimento sobre a prática do trabalho, restou-lhes ver a criação de verdadeiros santuários (Museu do Carvão) onde são expostos a técnica e o conhecimento do trabalho transformados em patrimônio cultural. A cultura técnica e a memória operária permitem a ilusão de preencher de sentido, com os símbolos do passado, os vazios que pertencem ao presente²³.

O patrimônio cultural hierarquiza as práticas da memória para a coletividade que passa a partilhar dessas lembranças seletivas que primam igualmente pela estética da mensagem museológica, isto é, pela estetização da comunidade de trabalho cujos ideais devem ser resguardados. No espaço do Museu do Carvão - no âmbito de uma política de conservação - o passado é transformado em lembranças compartilhadas pelos velhos membros da comunidade de trabalho, assim como por seus descendentes e mesmo pelas novas gerações na região carbonífera, que apreendem o “valor trabalho” e o *ethos* da cultura operária como referências da história da cidade e de seus habitantes. Nesse sentido, a noção de um tempo que passou, como que fechando um ciclo, remete a uma totalização das lembranças como um modelo para a construção da memória do social, pela formalização de uma cotidianidade comum, reatualizada nessa forma particular do trabalho da memória.

Mas na configuração destes valores, importa acrescentar doravante a saudade, como sentimento igualmente singular a essa **comunidade de sentimento** no seu trabalho de duração. Na festa, encanta-se o mundo pelas lembranças de um tempo nostálgico, reminiscências que ressignificam no espaço do patrimônio industrial as imagens de uma continuidade histórica e social. Nesse evento, a passagem do tempo deixa de ser imperceptível, e os antigos e novos habitantes convivem a tensão entre o conhecimento do que foi selecionado para informar a memória do social (a história oficial) e a compreensão das referências de tradição que reatualizam a memória coletiva do grupo e os valores da duração: bravura, cumplicidade, solidariedade, amizade, espírito de luta, vida comunitária, fé cristã etc. São esses os valores-motivações que os levam à reunião para comemorar a saudade, como uma expressão obrigatória de um sentimento, diria Marcel Mauss.

O que se apreende na análise desse evento não é apenas conceber as formas diferenciadas de reviver o passado como expressão de uma tradição (o que

²² NAMER. Op. cit., p. 211.

²³ JEUDY. Op. cit., 1986; LUCAS, P. *La Rumeur Minière ou le Travail Retravaillé*. Paris: P.U. de Lyon, 1985.

se entende como uma simplificação da meditação temporal), mas também aderir ao que Bachelard nos ensina como apreender as lembranças da duração desse grupo de identidade. Segundo Bachelard²⁴, “não se pode reviver o passado sem o encadear num tema afetivo necessariamente presente... reviver o tempo desaparecido é assim aprender a inquietude de nossa morte”. A morte-tragédia está bem presente para esses aposentados da mina, esposas e viúvas entrevistados que assistem ao desaparecimento de uma profissão tradicional (o trabalho na mina), a morte de uma categoria de trabalho (os mineiros) e o fim de uma sociabilidade e estilo de vida (o *ethos* operário e a cultura operária tradicionais). A motivação de religar; de reunirem-se em torno de suas lembranças do passado, de revisitarem seus lugares de antigo pertencimento de trabalho e familiar é, para além da reatualização do passado, o trabalho de durar no tempo.

O que é exaltado nesses “acontecimentos” é a memória coletiva que se quer resguardar como sendo “a temporalidade como experiência vivida e reversível que cristaliza uma dada qualidade”²⁵. Há uma discursividade e uma reabilitação pela salvaguarda dos signos que constituem a história do grupo. Na participação no evento, todos são englobados por uma espécie de encantamento da reunião, um sentimento despertado pela força de que a sensação de pertencerse circunscreve.

Os velhos vivem a comunhão em formas plurais de interação, concretizando espaços sociais onde estabelecem laços afetivos e de reconhecimento. Constantemente, nos lugares de sociabilidade, negam a volatilização do tempo, reencontram as pessoas e reconstituem maneiras de ser coletivas. Pela memória, reencontram cotidianamente um senso para a vida. A memória tem esse poder de reprodução do passado e de transformação do presente, um pouco espelho do passado, um pouco idealização de um devir coletivo.

Essa reatualização dá-se na representação de um outro ritmo cotidiano vivido. Ritmos temporais que lhes são dialeticamente familiares e estranhos, conflituais e desejados, que colocam em evidência afrontamentos de forças conservadoras e forças transformadoras, mas que colocam ainda em destaque essa força de combinar seus ritmos para construir um tempo que lhes assegure, numa temporalidade ondulatória, a continuidade.

²⁴ BACHELARD. Op. cit., p. 37.

²⁵ DA MATTA. Op. cit., p. 22.